



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ**  
**INSTITUTO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO**  
**FACULDADE DE LETRAS**  
**CURSO LICENCIATURA PLENA EM LINGUA PORTUGUESA**  
**POLO ABAETETUBA-PARFOR-LETRAS/LP 2013**

**LUZINETE DO SOCORRO RODRIGUES GOMES**

**PRÁTICAS DE LEITURA PARA ALUNOS DA 2ª ETAPA DA EDUCAÇÃO DE  
JOVENS E ADULTOS DA ESCOLA MAXIMIANO ANTONIO RODRIGUES-  
ABAETETUBA-PA.**

Abaetetuba/PA

2018



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ**  
**INSTITUTO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO**  
**FACULDADE DE LETRAS**  
**CURSO LICENCIATURA PLENA EM LINGUA PORTUGUESA**  
**POLO ABAETETUBA-PARFOR-LETRAS/LP 2013**

**LUZINETE DO SOCORRO RODRIGUES GOMES**

**PRÁTICAS DE LEITURA PARA ALUNOS DA 2ª ETAPA DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS DA ESCOLA MAXIMIANO ANTÔNIO RODRIGUES- ABAETETUBA-PA.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de letras da Universidade Federal do Pará, *Campus* Universitário de Abaetetuba, como requisito para a obtenção do grau de Licenciada Pleno letras, sob orientação do Prof. Alex Moreira.

Abaetetuba/PA

2018

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD  
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará  
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

---

G633p Gomes, Luzinete do Socorro Rodrigues.  
Práticas de leitura para alunos da 2ª etapa da educação de  
jovens e adultos da escola Maximiano Antônio Rodrigues-  
Abaetetuba-PA / Luzinete do Socorro Rodrigues Gomes. — 2018.  
51 f. : il.

Orientador(a): Prof. Dr. Alex Santos Moreira  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade  
Federal do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba, Curso de  
Língua Portuguesa, Abaetetuba, 2018.

1. EJA. 2. Leitura. 3. Prática. I. Título.

CDD 370.71

---

**BANCA EXAMINADORA**

---

UFPA/Orientador

---

UFPA/Examinador

---

UFPA/Examinador

*Dedico este trabalho primeiramente a Deus,  
pela presença fiel na realização desse sonho.*

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente a Deus pela presença fiel na realização desse sonho.

Agradeço minha família, pelo incentivo e apoio incondicional aos meus projetos e sonhos.

Agradeço a minha turma de letras 2013, que ao longo desses anos formamos uma família onde irei levar no meu coração por toda minha vida nossas experiências e amizades.

Aos meus queridos mestres do curso que contribuíram com minha formação.

Aos demais funcionários da Universidade Federal do Pará Campus de Abaetetuba que são pessoas maravilhosas.

Ao meu orientador por aceitar esse desafio e por todas as orientações que me ajudaram no desenvolvimento desse trabalho.

Meus agradecimentos à banca examinadora.

## **RESUMO**

O presente trabalho tem como principal objetivo realizar a leitura do livro “As aventuras do menino Boto: o herói da Amazônia” com alunos da 2ª etapa da educação de jovens e adultos da escola Maximiano Antônio Rodrigues, município de Abaetetuba, aplicando várias práticas de leitura e refletindo sobre as estratégias e analogias de leitura dos alunos. Para realizar tal reflexão buscou como principal fonte Antônio Candido um autor que faz referência à importância da literatura para a formação do homem, e traça uma grande discussão sobre a literatura enquanto direito do cidadão. Há ainda neste trabalho, uma breve abordagem sobre a história da educação de jovens e adultos essa modalidade de ensino regulamentada pelo artigo 37 da Lei nº 9394 de 20 de dezembro de 1996. E traz também as atividades aplicadas aos referidos alunos, bem como, reflexões sobre as práticas e analogias utilizadas pelos alunos para realizar a leitura da obra em questão.

**Palavras-chave:** EJA, Leitura, prática.

## **ABSTRACT**

The main objective of this work is to read the book "The adventures of the boy Boto: the hero of the Amazon" with students of the 2nd stage of the education of young people and adults of the school Maximiano Antônio Rodrigues, municipality of Abaetetuba, applying several reading practices and reflecting on student reading strategies and analogies. In order to carry out this reflection, he sought as principal source Antonio Candido an author who refers to the importance of literature for the formation of man, and traces a great discussion about literature as a citizen's right. There is still in this work a brief approach on the history of youth and adult education this modality of education regulated by article 37 of Law 9394 of December 20, 1996. It also brings the activities applied to said students, as well as reflections on the practices and analogies used by the students to carry out the reading of the work in question.

**Keywords:** EJA, Reading, practice.

## Sumário

<b>SEÇÃO I</b> .....	10
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>SEÇÃO II</b> .....	14
<b>1.O TEXTO “Á LITERATURA E A FORMAÇÃO DO HOMEM” AUTOR ANTONIO CANDIDO</b> .....	14
<b>SEÇÃO III</b> .....	18
<b>2. HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO BRASIL</b> .....	18
2.1 educação de jovens e adultos na Amazônia.....	22
<b>SEÇÃO IV</b> .....	25
<b>4. O AUTOR E A OBRA</b> .....	25
3.1O livro “As aventuras do menino boto, o herói da Amazônia”.....	25
3.2Prática da leitura do livro “As aventuras do menino boto, o herói da Amazônia”.....	27
4.2.1 Primeira leitura.....	27
4.2.2 Segunda leitura: capítulo 1.....	30
4.2.3 Terceira leitura: capítulo 2.....	31
4.2.4 Quarta leitura: capítulo 3.....	33
4.2.5 Quinta leitura: capítulo 4.....	34
4.2.6 Sexta leitura: capítulo 5.....	35
<b>SEÇÃO V</b> .....	37
<b>REFLEXÃO SOBRE AS ESTRATÉGIAS E ANALOGIAS DE LEITURA DOS ALUNOS</b> .....	37
<b>Referencias</b> .....	43

## SEÇÃO I

### INTRODUÇÃO

A Educação de Jovens e Adultos (EJA), é uma modalidade de ensino que insere na Educação os alunos que não completaram os anos da Educação Básica em idade apropriada, os alunos que encontram-se atendidos pela EJA, são pessoas que carregam consigo experiências de vida, uma leitura de mundo que são muitas vezes deixadas de lado em virtude da dificuldade de expressão da linguagem oral e/ou escrita.

Diante desta realidade, seria ideal que a EJA adotasse uma metodologia baseada na realidade do educando, onde fosse levado em consideração suas experiências, opiniões e história de vida, e que o conteúdo preparado para as aulas e o material utilizado fossem ajustados e adequados a essas realidades.

Pensando nisso, é que este trabalho propõe a leitura do livro “As aventuras do Menino Boto: o Herói da Amazônia”, para alunos da 2ª etapa da EJA da escola Maximiano Antônio Rodrigues, localizada na PA 151, no município de Abaetetuba. Tendo como objetivo realizar a leitura do livro supracitado, aplicando várias práticas de leitura e refletindo sobre as estratégias e analogias de leitura dos alunos.

Isto por que acredita-se que a prática de leitura na EJA é importante não apenas por constituir uma ferramenta para a aprendizagem, mas também por propiciar a esses indivíduos a capacidade de atuar diante das adversidades sociais, e se tornarem cidadãos ativos em prol de uma comunidade mais justa e igualitária.

Deste modo, entende-se a leitura como meio de entender as mais diversas práticas sociais, culturais, políticas. Para isso, o aluno precisa ter a oportunidade de ler, de entender como os textos funcionam e interpreta-los por meio da intencionalidade do autor e dele mesmo enquanto leitor.

Sobre essa importância da leitura, Soares (1991) diz que:

Em nossa cultura grafocêntrica, o acesso à leitura é considerado como intrinsecamente bom. Atribui-se a leitura um valor positivo absoluto: ela traria benefícios óbvios e indiscutíveis ao indivíduo e a sociedade- forma de

lazer e de prazer, de aquisição de conhecimento e de enriquecimento cultural, ampliação das condições de convívio social e de interação. (SOARES 1991, p. 19)

Nota-se assim, que são significativos os benefícios trazidos pela leitura de um modo geral, mas para ler, interpretar, entender faz-se necessário que professores estejam capacitados e conduzir o ensino da leitura rumo a uma formação que de fato priorize as estratégias e concepções de leitura que são de suma importância para a construção de um cidadão proativo.

Pensando na leitura enquanto meio de transformação, há a necessidade de beber nas fontes de Candido o qual pensa a literatura enquanto direito fundamental, um bem incompreensível, “uma necessidade universal que precisa ser satisfeita e cuja satisfação constitui um direito”. (CANDIDO 2011, p.142)

Além disso, o mesmo autor enfatiza que a literatura é de suma importância para a formação do homem, alegando que a literatura possui um cunho social e possui força humanizadora, pois é algo que nasce do homem e depois retorna para o mesmo em forma de conhecimento que será útil para sua própria formação.

E este é um processo antigo, pois como afirma Candido (1999) “a instrução dos países civilizados sempre se baseou nas letras. Daí o elo entre formação do homem, humanismo, letras humanas e o estudo da língua e da literatura”. Ou seja, pode-se dizer que a literatura também possui o poder de ensinar, de instruir desde que esteja em consonância com a realidade do leitor.

Pois, ainda segundo Candido (1972)

O leitor, nivelado ao personagem pela comunidade do meio expressivo, se sente participante de uma humanidade que é a sua, e deste modo, pronto para incorporar à sua experiência humana mais profunda o que o escritor lhe oferece como visão da realidade. (CANDIDO 1972, p. 90)

Por meio destes pensamentos de Candido é que foi proposto aos alunos da 2ª etapa de Educação de Jovens e Adultos a leitura do livro “As aventuras do

menino boto: O herói da Amazônia”, por se tratar de um público da Zona rural do município de Abaetetuba e terem contato com estórias antes narradas por seus pais, avós sobre o personagem principal do livro, o boto.

Porém, agora ao invés do boto ser uma entidade que assombra, que amedronta como nas narrativas que os alunos são acostumados a ouvir, será o protagonista de uma história de luta em prol do meio ambiente, sua missão é conquistar o maior número de pessoas possível para unir-se a ele em favor dos cuidados com o ambiente.

Mas além da discussão trazida pelo livro é possível notar aspectos regionais muito presentes na vida dos alunos, como a questão dos avós dos meninos serem agricultores e fazerem plantação em roça como uma grande parte dos alunos ainda fazem, ou seja, a regionalização encontra-se presente de um modo geral no livro.

Ou seja, a escolha do livro foi estratégica, pois precisava de algo que viesse realmente chamar atenção dos alunos para a leitura do livro não como obrigação, mas como algo prazeroso trouxesse a realidade dos alunos nas linhas e entrelinhas da história.

Para isso, foram realizadas algumas atividades individuais e em grupos para que a leitura não se tornasse monótona e nem caísse na mesmice de ler por ler, afinal discussões também eram feitas, bem como, eram abertas oportunidades para colocações relevantes trazidas pelos alunos.

Mas além dos simples fato de apresentar um livro aos alunos para que lesse, fez-se também necessário pensar nas estratégias utilizadas pelos alunos para que a leitura fosse realizada e chegou-se à conclusão de que a memória, a busca por experiências passadas foi o que facilitou a associação do que estava impresso no livro com a vivência dos alunos na vida real.

O que fez com que as atividades e a leitura fossem satisfatórias, e trouxesse os alunos a terem maior participação nas aulas com a contação de causos, com as colocações significativas nas discussões e em especial na execução das atividades propostas pela professora.

Mas para chegar a essa conclusão, foi necessário tomar como base Candido, como dito anteriormente, bem como outros autores tal qual Soares (1991), Barbosa (1994) e outros autores que falam sobre a importância da leitura e da literatura para a formação de cidadãos ativos na sociedade.

Além, disso foi necessário fazer um apanhado sobre a Educação de jovens e Adultos no Brasil, traçar um pouco da história dessa modalidade de ensino que atende a pessoas que não conseguiram concluir o ensino básico na idade correta e está regulamentada pelo artigo 37 da Lei nº 9394 de 20 de dezembro de 1996 (BRASIL, 1996).

Em seguida será realizada a apresentação do livro “As aventuras do menino boto: O herói da Amazônia” que de maneira reduzida conta a história do menino Filico, filho do boto que tinha a missão de cuidar e preservar o meio ambiente. Posteriormente, é apresentado como foram realizadas as atividades de leitura com os alunos. E por fim, surgem as reflexões acerca das estratégias e analogias utilizadas pelos alunos para a realização da leitura do livro.

## SEÇÃO II

### 1. O TEXTO “Á LITERATURA E A FORMAÇÃO DO HOMEM” AUTOR ANTÔNIO CANDIDO.

A literatura é um mundo imaginário, um mundo de fantasias, um mundo onde há, a possibilidade de refugiar-se, haja visto que por meio desta há a possibilidade de adentrar por mundos e maneiras diferentes da realidade vivida e que por muitas vezes reporta o leitor ao estado de paz, de segurança, de refúgio.

Em um conto, por exemplo, em que o leitor se acha enquanto personagem permite assim, que o leitor saia de sua realidade e entre em um mundo figurado onde nada é concreto. Assim, pode-se dizer que a literatura é um jogo com palavras, mas que contribui significativamente para a formação do homem.

Literatura nunca é apenas literatura, é algo além, onde se descobre o verdadeiro eu, ilustrado em personagens formados a partir das reflexões reais dependendo da leitura que é feita. Pois como afirma Antônio Candido (1972)

A fantasia quase nunca é pura. Ela se refere constantemente a alguma realidade: fenômeno natural, paisagem, sentimento, fato, desejo de explicação, costumes, problemas humanos, etc. Eis por que surge a indagação sobre o vínculo entre fantasia e realidade, que pode servir de entrada para pensar na função da literatura. (CANDIDO 1972, p. 83)

Tomando como verdade a citação acima, pode-se dizer que a literatura é uma tomada da realidade de maneira mais sutil, menos agressiva, mais fácil de entender, mais prazerosa de ler e que possui a mesma função de outros textos que podem carregar contextos parecidos.

E esse é um ponto fundamental para a reflexão: ao se realizar uma obra, realiza igualmente todas as potencialidades da linguagem, seja esta literária, pictórica, ou de qualquer outro tipo. O que lemos na literatura é sempre mais, é história, psicologia, sociologia. Há sempre mais que literatura na literatura.

Ao olhar a literatura como algo que exprime o homem e depois atua na sua própria formação, pode-se dizer que estamos aí lidando com uma certa função da psicologia, a denominada produção e fluência os quais se baseiam na necessidade universal de ficção e fantasia, ou seja, acredita-se que o homem sente necessidade de fazer parte de algo irreal, imaginário.

Há qual uma hora ocupa o papel de detentora de conhecimento, hora é vista como forma de expressão, o que para alguns estudiosos são objetos autônomos, sendo que ambas são de extrema importância para a formação do leitor, do ser humano já que se complementam.

Dessa forma, pode-se dizer que a função da literatura na formação do homem implica na representação da realidade social e humana a qual agregará maior valor para expressão ou para o conhecimento, e isso vai variar de leitor para leitor e dos interesses imbricados nas obras.

Uma obra literária com aspectos regionais específicos pode atrair interesse dos mais variados leitores, uns podem identificar-se com o que está escrito ali devido à proximidade com a sua realidade, outro, porém, pode procurar no mesmo texto aspectos que lhe acrescentem mais conhecimento acerca de determinado assunto, ou até mesmo linguagem. Enfim, como foi dito no parágrafo anterior, os interesses podem variar.

Deste modo, a linguagem utilizada na literatura também muito contribui para a formação do homem enquanto leitor, e aí está uma das grandes problemáticas, pois se busca sempre uma língua padrão para a escrita de obras

literárias, são poucas as que fazem uso da regionalização e de outros aspectos de suma importância para que haja a identificação do leitor com a obra.

O que há, na maioria das vezes, é o mito da unidade, que produz estabilidade instáveis mais produto ao estudo da língua, da sua descrição e da definição de suas normas. Porém, o que se espera é a vitalidade da língua, ou seja, que seu uso implique em mudanças.

Mudanças estas que provoquem um movimento constante entre estabilidade e instabilidade e que torne a língua o que ela é uma atividade com que organizamos nossas próprias experiências, sempre únicas e irrepetíveis, já que é por meio desta que compartilhamos os quadros estáveis de referências comuns.

Deste modo, pode-se afirmar que um texto ao ser levado para uma sala de aula traz o perigo da instabilidade, bem como, pode se tornar um instrumento privilegiado para construir estabilidades sociais. Mas muitas das vezes o que se presencia é a não utilização de textos que retratem o real, e muito menos aticem o imaginário dos alunos. Além disso, o difícil acesso a obras literárias é um problema constante nas escolas brasileiras. Acerca desse assunto Osakabe (1982) diz que:

Essa barreira ao acesso à leitura se concretiza não só por mecanismo de sonegação de material escrito às camadas populares, mas também por mecanismos de distribuição seletiva desse material, mecanismos que impõe a forma de consumo: livros, revistas, jornais para as camadas populares. Não será certamente por acaso que a progressiva conquista da escola pelo povo que propicia sobretudo o acesso a escrita, e principalmente, a leitura venha sendo acompanhada por esse mecanismo de sonegação e de distribuição seletiva, de modo que o acesso ao mundo da escrita vem significando, apenas, para as camadas populares ou a aquisição de uma habilidade quase mecânica decodificação/codificação (povo permite-se que aprenda a ler, não lhe permite se tornar leitor), ou o acesso a universos fechados arbitrariamente impostas. Não será por acaso, porque o domínio de uma leitura que signifique o acesso ao conhecimento diferenciado, aquele que permite ao leitor reconhecer sua identidade. Seu lugar social, as tensões que animam o contexto em que vive ou sobrevive, sobretudo a compreensão, assimilação e o questionamento seja da própria escrita, seja do real em que a própria escrita se inscreve. (OSAKABE 1982, p.34)

Na escola, de um modo geral, se lê para escrever, há uma função entre as duas atividades em que uma se torna o fim da outra. Em síntese, o ler e o

escrever, tomando como consciência de uma só atividade, que pode ser expressa pela fórmula ler para escrever, toma o princípio da repetição como sua essência.

Os processos de educação, como se sabe, não permitem um autêntico ingresso no mundo da escrita. Apenas dele aproxima uma grande maioria da população que, saindo da escola suficientemente idealizados, tem com a escrita uma relação mística. Escrever é coisa para gênio e estes tem que ter liberdade de expressão.

O próprio desenvolvimento tecnológico da sociedade está abrindo o direito de expressão a todos. A escrita populariza-se e a leitura é produzida não mais em função da construção de compreensões distintas, engrandecendo os horizontes de possibilidades humanas.

Ou seja, a leitura permite ao aluno, ou ao cidadão de um modo geral entender tanto o que se encontra escrito em um livro bem como ir além daquela leitura e entender o mundo que o cerca por meio das informações contidas no livro. Sendo assim, percebe-se que se faz necessário permitir que educadores, alunos e comunidade escolar de um modo geral entenda que a leitura não é o simples decodificar, é se tornar leitor, é interpretar, é atuar na sociedade mediante conhecimento adquirido. Mas para isso, há também a necessidade de permitir mais acesso a literatura de um modo geral, deixar de considerar livros como artefato de decoração de estante e que são lindos ficarem ali em um local todo tempo enfileirados e organizados sendo endeusados.

Livros foram feitos para serem lidos, e professores devem buscar as mais variadas literaturas para aplicar em suas salas de aula, conheça a realidade dos alunos, a comunidade em que a escola está inserida e busque trabalhar com textos que retratem cada vez mais a realidade daquelas crianças, jovens e adultos.

Afinal, como exposto no decorrer deste texto, a literatura possui forte influência para a formação do homem e não há método mais eficaz para produzir leitores e cidadãos ativos, do que por meio da leitura, principalmente quando esta exprime por meio de suas linhas e páginas a realidade dos leitores.

### **SEÇÃO III**

#### **HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO BRASIL**

Abordar a educação de jovens e adultos é retomar a história dos jesuítas no Brasil, pois foi por meio da catequização dos índios e a consequente alfabetização que os primeiros adultos foram a tendo contato com a língua portuguesa e aprendendo a ler e escrever de acordo com os ensinamentos repassados pelos evangelizadores.

Mas após a saída dos jesuítas do território brasileiro, a educação de jovens e adultos,

[...] entra em colapso e fica sob a responsabilidade do Império a organização e emprego da educação. A identidade da educação brasileira foi sendo marcada então, pelo o elitismo que restringia a educação às classes mais abastadas. As aulas régias (latim, grego, filosofia e retórica), ênfase da política pombalina, eram designadas especificamente aos filhos dos colonizadores portugueses (brancos e masculinos), excluindo-se assim as populações negras e indígenas. Dessa forma, a história da educação brasileira foi sendo demarcada por uma situação peculiar que era o conhecimento formal monopolizado pelas classes dominantes. (STRELHOW 2010, p. 51)

Sendo assim, a educação de jovens e adultos surge de maneira oficial no ano de 1834, ano este em que se discutia como oferecer a educação primária a toda população mais pobre como negros libertos, homens e mulheres livres, mas que não faziam parte da nobreza.

Da referida data em diante, muitos embates foram traçados para que o analfabetismo fosse dizimado, não por bondade ou querer que os jovens e adultos pudessem ler e escrever, mas porque interesses, em especial políticos e econômicos precisavam dos votos dos analfabetos que foram excluídos de alguns processos.

A partir de então foram criados projetos de erradicação ao analfabetismo, Strelhow (2010) diz que

Com o início do século XX houve uma grande mobilização social que pretendia exterminar este mal, o analfabetismo. Começou-se assim, a culpar as pessoas analfabetas da situação de subdesenvolvimento do Brasil. Em 1915 foi criada a Liga Brasileira contra o Analfabetismo que pretendia lutar contra a ignorância para estabilizar a grandeza das instituições republicanas [...] (STRELHOW 2010, p. 52)

Isto por que acreditavam que o analfabetismo era uma calamidade pública instalada na sociedade brasileira, e que por causa das pessoas analfabetas

o Brasil era um país subdesenvolvido. Ou seja, era necessário alfabetizar para desenvolver.

Assim a partir de 1929 começou a ser exigido, por parte de educadores e da própria população, uma discussão mais ampla sobre a educação de jovens e adultos, afinal, o Brasil começa nesse período entre 1929 e 1930 seu processo de industrialização e urbanização aumentando com isso a necessidade de alfabetizar e instrumentalizar a população. Sampaio (2009) diz que:

A industrialização não trouxe um projeto democrático. Ao contrário, foi imposta autoritariamente pelo Estado Novo, e a educação proposta estava harmonizada com este projeto. O investimento do Estado em configurar um campo industrial é também investimento na formação profissional da classe trabalhadora e, pela primeira vez, há um ordenamento nacional da educação orientado pelo governo central. Os primeiros documentos oficiais de atenção à EJA eram uma resposta às necessidades do capital: mão de obra minimamente qualificada para atuar na indústria, maior controle social, além de diminuir os vergonhosos índices de analfabetismo. (SAMPAIO 2009, p. 18)

Assim, somente em 1934 com a criação do Plano Nacional de Educação o qual previa a obrigatoriedade e gratuidade do ensino primário integral para pessoas adultas, foi que se passou a ter um plano propriamente dito para a educação de jovens e adultos.

Parágrafo único - O plano nacional de educação constante de lei federal, nos termos dos arts. 5º, nº XIV, e 39, nº 8, letras a e e, só se poderá renovar em prazos determinados, e obedecerá às seguintes normas: a) ensino primário integral gratuito e de frequência obrigatória extensivo aos adultos; (BRASIL, PNE)

Após a criação do PNE, houve a aprovação do Decreto nº19.513, de 25 de agosto de 1945, o qual oficializou a Educação de Adultos. A partir deste decreto muitos projetos e campanhas foram elaborados a fim de alfabetizar jovens e adultos que não tiveram acesso à educação em período regular.

Beserra (2014) cita alguns destes projetos dentre eles:

[...] Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos – CEAA (1947); o Movimento de Educação de Base – MEB, sistema rádio educativo criado na Conferência Nacional dos Bispos do Brasil com o apoio do Governo Federal

(1961); além dos Centros Populares de Cultura – CPC (1963) [...] (BESERRA 2014, p. 167)

É importante frisar que a maioria destes projetos buscava alfabetizar os adultos para que estes pudessem preencher as vagas no mercado industrial que estava sendo implantado no país. Além disso, havia a necessidade de ampliar os “currais” eleitorais.

Outros tinham o intuito de formar cidadãos atuantes, críticos para sobreviver no novo cenário econômico que se instaurava naquela época. Esses mais voltados para o social, pois se pensava em uma educação para os adultos levando em consideração a apropriação do conhecimento como passo primeiro e fundamental de um processo de libertação, na direção da construção de uma sociedade de fato democrática.

Mas no período da ditadura militar os projetos que tinham o cunho de formação para a cidadania foram fechados, muitos dos profissionais que atuavam enquanto formadores foram perseguidos e reprimidos, de acordo com Sampaio (2009)

Com o golpe militar ocorrido no Brasil em 1964, as ações dos movimentos sociais são substituídas por campanhas de alfabetização de cunho mais conservador nos propósitos e assistencialistas nos procedimentos, com a distribuição de alimentos para os alunos e alunas. Novamente o Estado assume o papel de propor iniciativas, pressionado por questões econômicas e ideológicas relacionadas à ideia de educação como investimento no desenvolvimento do país. (SAMPAIO 2009, p.21)

Mas passados anos, já no final da ditadura, foi criado o Movimento Brasileiro de Alfabetização (Mobral), em 1967, que tinha o objetivo de alfabetizar funcionalmente pois restringia-se à apreensão da habilidade de ler e escrever, sem haver a compreensão contextualizada dos signos.

Em seguida é criada a Lei de Diretrizes e Base da Educação 5692/71, que trazia o mesmo sentido político do Mobral, ou seja, procurava desconsiderar do seu papel do aluno de ser sujeito produtor de cultura, de opinião e de atitude.

A alfabetização resume-se ainda ao ato mecanizado de ler e escrever, os profissionais que atuavam nesse período com as turmas de educação de jovens e adultos detinham pouco conhecimento sobre métodos pedagógicos diferenciados para o público alvo.

Essa realidade implantada em lei foi modificada na nova Lei de Diretrizes e Base da Educação 9394/96, onde por meio do art.37 e art.38, passam a contemplar as modalidades de educação de jovens e adultos e uma melhor adequação às novas exigências sociais.

Assim, as mudanças ocorridas, com a educação de jovens e adultos passaram de uma mera atualização vocabular, houve uma ampliação do próprio conceito quando passou a ser denominada de educação e não mais de ensino. Além disso, uma das alterações significativas foi à redução da idade mínima 15 anos para o ensino fundamental e 18 anos para o ensino médio.

O uso da didática apropriada adaptada às características dos alunos, também foi um passo de grande significância para a educação de jovens e adultos no Brasil, visto que serão levadas em consideração as condições de vida e trabalho dos alunos para que os objetivos sejam alcançados.

§ 2º O Poder Público viabilizará e estimulará o acesso e a permanência do trabalhador na escola, mediante ações integradas e complementares entre si.

§ 3º A educação de jovens e adultos deverá articular-se, preferencialmente, com a educação profissional, na forma do regulamento. (BRASIL, 1996)

Nota-se a partir de então, um novo olhar para a educação de jovens e adultos, pois traz uma especificidade própria, como dito anteriormente, considerando que os educandos são portadores de múltiplos conhecimentos e que precisam ser levados em consideração no que concerne ao processo ensino aprendizagem.

Ou seja, deixa de ser um simples processo de alfabetização onde atuavam profissionais desqualificados e sem métodos pedagógicos, para uma educação desafiadora cuja deve considerar os saberes construídos, pelos alunos, em espaços não escolares.

Diante desta nova concepção, novos projetos foram implantados a fim de contribuir para o analfabetismo ainda presente em nosso país, Strelhow (2010) apresenta os seguintes:

Em 1998, surge o Pronera (Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária), com o objetivo de atender às populações situadas nas áreas de assentamento. Este programa estava vinculado essencialmente ao Incra, universidades e movimentos sociais. Em 2003, o governo federal lançou o Programa Brasil Alfabetizado, que no início tinha característica de mais uma campanha, com ênfase no trabalho voluntário, prevendo erradicar o analfabetismo em 4 anos, tendo uma atuação sobre 20 milhões de pessoas. No entanto, em 2004, com a mudança do Ministro da Educação, o programa foi reformulado, retirando-se a meta de erradicar o analfabetismo de 4 anos e a duração dos projetos de alfabetização foi ampliada em 2 meses, de 4 meses para 8 meses. (STRELHOW 2010, p.56)

E assim, muitos adultos passam a receber o benefício da alfabetização e não somente, mas a formação, certificação e outras benfeitorias trazidas pela educação de jovens e adultos. Muitos adultos que obtiveram a oportunidade de adentrar uma escola quando criança puderam concluir ensino médio e até cursar uma universidade tendo como base a modalidade de ensino EJA.

## 2.1 Educação de Jovens e Adultos na Amazônia

A história da educação de jovens e adultos no Brasil passou por várias idas e vindas, inúmeros desafios e lutas foram traçadas para que se tornasse um direito, porém, ao falar desta modalidade de ensino na Amazônia as problemáticas permanecem, pois se trata de uma região com especificidades que muitas das vezes dificultam o bom andamento do processo educacional.

Dentre os empecilhos que inviabilizam a aprendizagem nos municípios que compõem a região amazônica brasileira, destaca-se o número insuficiente de escolas em especial na zona rural, afinal há localidades longínquas que não dispõem de escolas, assim os alunos devem se deslocar para comunidades mais próximas.

Outro fator é a falta de professores graduados em disciplinas específicas, muitas das vezes os professores detêm formação apenas para as series iniciais do ensino fundamental, o que ainda atende a 1ª e 2ª etapa da educação de jovens e adultos, mas ao avançar nas etapas e precisar distribuir as disciplinas há falta de profissionais de português, matemática, geografia e demais disciplinas. Fato este que torna um entrave para que muitos alunos concluam todas as etapas, já que muitas das vezes precisam se deslocar para outras comunidades para concluírem os estudos.

Além destas problemáticas supracitadas, há ainda neste contexto, a carência de recursos pedagógicos e metodológicos que garantam a qualidade do ensino, e isso se dá tanto em escolas presentes na zona rural quanto na zona urbana. Ainda, segundo Silva (2015)

Ajuda a compor o cenário desfavorável a variação do volume de águas dos rios amazônicos que nas enchentes alagam as áreas povoadas dos municípios causando transtornos na locomoção dos estudantes e, em época de vazante, formam grandes extensões de terras, o que obriga nossos alunos a longas caminhadas para chegarem às escolas. Esta situação é agravada ainda mais quando se trata de comunidades que não dispõem de energia elétrica e contam com a utilização de diesel e geradores para suprirem essa necessidade. (SILVA 2015, p. 02)

Estes são apenas algumas das inúmeras problemáticas vivenciada por alunos da EJA no cenário amazônico, mas apesar das dificuldades a modalidade vem sendo desenvolvida, bem como, jovens e adultos, são ano após ano formados por meio desta modalidade de ensino e muitos estudos vem sendo realizados a fim de estar dando melhores condições de ensino para que ainda mais pessoas venham a ser beneficiadas pela educação de jovens e adultos.

E no que concerne especificamente ao Pará, no ano de 2009 foi feita a VI Conferência Internacional de Educação de Adultos (Confinteia VI) que ressaltou a importância de partir para a ação da implementação nas políticas públicas da EJA e intervindo na melhoria de acesso a processos de educação e aprendizagem de qualidade.

Diante disso, foi criado um documento denominado Marco de Ação de Belém, que segundo Cordeiro (2016) oferece

[...] uma diretriz que permite ampliar o nosso referencial na busca de uma EJA mais inclusiva e equitativa, ao destacar a natureza Inter setorial e integrada da educação e aprendizagem de jovens e adultos com o trabalho, saúde, agricultura, cultura, meio ambiente, numa perspectiva de construção de uma política pública de EJA; assim como, a relevância social dos processos formais e não formais e a sua contribuição fundamental para o futuro sustentável do planeta. (CORDEIRO 2016, p. 114)

Deste modo, busca-se de fato implementar uma educação de jovens e adultos que atue como é posta na Lei de Diretrizes e Base da Educação, pois se a EJA efetivamente fosse aplicada, poderíamos estar celebrando a afirmação da EJA enquanto Direito Humano Fundamental e

[...] enquanto política pública permanente, estruturante, levando em conta suas demandas, a diversidade e realidades locais, e favorecendo sua permanência na escola e a qualidade da educação, capaz de confrontar com as práticas de aligeiramento dos conhecimentos, referenciada por uma visão compensatória, com a redução do tempo e do direito à educação dos/as trabalhadores/as que estudam. (CORDEIRO 2016, p. 117)

Mas já pensando na possibilidade de real efetivação da educação de jovens e adultos o Plano Nacional da Educação aprovado sob a Lei 13.005/2014 tem como meta reduzir a 50% o analfabetismo no país durante o período de 10 anos, tempo de vigência do plano.

Assim tem como meta

8.2. implementar programas de educação de jovens e adultos para os segmentos populacionais considerados, que estejam fora da escola e com defasagem idade-série, associados a outras estratégias que garantam a continuidade da escolarização, após a alfabetização inicial;

Meta 9: elevar a taxa de alfabetização da população com quinze anos ou mais para noventa e três inteiros e cinco décimos por cento até 2015 e, até o final da vigência deste PNE, erradicar o analfabetismo absoluto e reduzir em cinquenta por cento a taxa de analfabetismo funcional.

9.1. assegurar a oferta gratuita da educação de jovens e adultos a todos os que não tiveram acesso à educação básica na idade própria;

9.2. realizar diagnóstico dos jovens e adultos com ensino fundamental e médio incompletos, para identificar a demanda ativa por vagas na educação de jovens e adultos;

9.3. implementar ações de alfabetização de jovens e adultos com garantia de continuidade da escolarização básica; (BRASIL 2014)

Além, destas metas supracitadas outras encontram-se enumeradas no Plano Nacional de Educação como implementar políticas públicas eficazes para esta modalidade da educação que tanto merece uma melhor atenção, haja visto que atende um público seletivo e de especificidades peculiares.

São muitas as metas a serem cumpridas, e sabe-se que muitas delas não chegarão a ser cumpridas, mas é interessante ver que hoje há um plano voltado para a modalidade, visto o histórico que tem. E ao se tratar de Amazônia, estas metas seriam muito importantes que se efetivassem visto que a todo momento visam atender as especificidades em busca de melhoria, de qualidade da educação de jovens e adultos.

Tudo o que a região amazônica e seus habitantes, em especial os alunos da EJA, precisam para que saiam da estatística do analfabetismo e que possam receber formação, seja esta básica ou continuada, de qualidade e de maneira mais acessível. Pois como afirma Hage (2005)

A realidade da Amazônia Paraense tem com uma de suas características fundamentais a "heterogeneidade", que, de forma bastante significativa, é espalhada e visível no cotidiano da vida, do trabalho e das relações sociais, culturais e educacionais dos sujeitos que nela habitam, heterogeneidade essa que deve ser valorizada e incorporada nos processos e espaços de elaboração e implementação de políticas e propostas educacionais para a região, visibilizada nos espaços formativos da EJA e incorporada em todas as interfaces culturais realizadas no interior da escola e com o envolvimento da comunidade. (HAGE in COSTA e HAGE 2014, p. 255)

Por esta necessidade de valorização, que a educação de jovens e adultos em especial na Amazônia necessitam de políticas públicas mais contundentes com a realidade vigente e que de fato sejam aplicadas trazendo benefícios para o público ainda presente em nossa região.

## SEÇÃO IV

### 4-O AUTOR E A OBRA

O autor do livro “As aventuras do menino boto, o herói da Amazônia” é Herivelton Martins e Silva (Vetinho), nascido em 02 de janeiro de 1960 filho de uma família que veio do município de Moju para morar no bairro do Guamá em Belém, do Pará. Fez curso técnico de mineração na Escola Técnica Federal do Pará, entrou na UFPA no curso de Geologia de onde migrou para o curso de Técnico em processamento de sados. Fez na UNAMA o curso de Gestão de turismo e pós-graduação em marketing e eventos na UFPA. Aprendeu cedo a tocar violão, cavaquinho, banjo, e outros. Venceu vários festivais de música e se dedicou durante muito tempo aos sambas enredos que compõe desde 1979 para várias agremiações carnavalescas (principalmente do Bole-Bole), dentro e fora do Pará. Tem vários sambas e outras músicas gravadas por diferentes cantores da terra. É um entusiasta da cultura popular paraense.

#### 4.1 O livro “As aventuras do menino boto, o herói da Amazônia”

O livro “**As aventuras do menino Boto, o herói da Amazônia**” conta a estória de um menino chamado Feliciano, ou Filico. Sua mãe Zefa engravidou do Boto na festa da vila Soledade, comunidade ribeirinha do município de Moju. No dia do parto, ela morre e quem fica com o menino são seus avós, Mundica e Feliciano.

O menino cresce e suas características de boto começam a aparecer como uma pequena fissura em sua cabeça, a qual era coberta por seus longos cabelos pretos. Uma grande habilidade de nadar que era admirada pelos seus avós, além de ter o dom de conversar com os animais.

Sempre muito calado, Filico ao completar sete anos pula da ponte de sua casa e sai nadando em uma viagem sem rumo como se algo sobrenatural o conduzisse, deixando seus avós tristes e sozinhos, porém, essa viagem era necessária para que o menino entendesse por que era diferente das demais crianças.

Nessa viagem chega a um local estranho, como se fosse um pântano ou igapó, após esse local encontrou uma espécie de ilha onde havia dois índios pequenos e estranhos a sua espera. Os índios o conduziram até um salão onde se encontrava um homem que chamavam de chefe.

O chefe é quem explica a Filico que o menino faz parte de um grupo de guardiões da natureza, e que sua missão é cuidar do meio ambiente, mas para isso teria que conquistar o maior número de pessoas possível para auxiliá-lo, em especial, as crianças. Além de explicar-lhe sua missão, o chefe também expôs todos os problemas ambientais e sociais presentes na Amazônia e que precisavam ser resolvidos.

Após saber de sua missão, o menino boto volta para casa para contar aos avós sobre sua tarefa, lá na velha casa fica sabendo que próximo dali madeireiros destroem a floresta com um grande trator. Filico pede para que todas as entidades da natureza venham ao seu encontro, pois precisam por fim ao mal que estava sendo causando ao meio ambiente.

Ao anoitecer, animais e entidades como o curupira, a matinta-pereira, o anhangá e outros sem a noite ao encontro dos madeireiros e começam a assombrar os homens, que saem correndo e juram nunca mais voltar aquele lugar muito menos derrubar árvores e todos comemoram o sucesso da primeira missão do menino boto.

Pela manhã tudo estava aparentemente tranquilo, os japiins cantavam em seus ninhos, quando um Inambú<sup>1</sup> chega até a casa dos avós do menino boto e lhe conta que havia uma embarcação cheia de tartarugas, peremas<sup>2</sup>, tracajás<sup>3</sup> e até

---

1 Pássaro que possuem como característica andar pelo chão e quase não voar

2 Espécie de tartaruga

3 Espécie de tartaruga

2

3

mesmo jacaré que estavam sendo dizimados da região, estes seriam levados para o mercado negro ou para serem vendidos na feira. Além disso, havia o fato de muitos animais morrerem devido o transporte irregular.

Novamente o menino boto foi em busca dos animais para que lhe ajudassem, mas dessa vez também iria atrás das crianças da beira para lhe ajudarem nessa nova missão. E assim fez, Filico mundiou<sup>4</sup> algumas crianças que pegaram seus cascos<sup>5</sup> e saíram rumo a embarcação. Vários insetos e bichos entraram na embarcação e as crianças sacudiam o barco. Os tripulantes pularam na água e o barco desgovernado bateu em um barranco, as crianças entraram e salvaram todos os animais que ali estavam.

Filico voltou para casa para se despedir dos avós, pois havia muitas crianças para mundiar, muitas áreas para proteger, muitas aventuras para viver. Agora estava pronto para se tornar “o menino boto, o herói da Amazônia”. Após se despedir dos seus avós, pulou no rio e estava nadando rumo ao Moju, quando viu a lagoa do Maiaú a lara, ou mãe d’água e foi até lá.

Esta lhe disse que estaria sempre disposição do menino, e que sua missão não seria fácil, mas todos os animais, entidades da natureza e muitas crianças iriam auxiliá-lo nessa missão. Ouvido isso, Filico passou por Moju e viu que as questões culturais estavam sendo defasadas, mas que haviam muitos adultos e crianças lutando para recuperá-las, o que o fez seguir rumo a Belém, a fim de pedir ajuda ao maior número de pessoas em sua tarefa de cuidar do meio ambiente.

#### 4.2 Prática da leitura do livro “As aventuras do menino boto, o herói da Amazônia”

Para a prática da leitura do livro “As aventuras do menino boto, o herói da Amazônia”, foi escolhida a turma de 2ª etapa da Educação de Jovens e adultos. Turma esta que faz parte da escola Maximiano Antônio Rodrigues, localizada na PA 151 km 04 Vila Murutinga/ Abaetetuba-Pa.

---

4Mundiar: *AMAZ*.abolir a vontade de (algo, alguém); causar entorpecimento; assombrar, magnetizar.

5 Embarcação pequena

Para a leitura do livro foram tiradas cópias para que cada aluno tivesse posse de um livro e pudesse visualizar as imagens, bem como todas as informações como capa, contra capa, epígrafe dentre outros aspectos que se apresentam em um livro.

Como o livro possui 5 capítulos a leitura de todos em um mesmo momento se tornaria cansativa, assim, foi colocado como proposta que durante as aulas de língua portuguesa, que ocorrem duas vezes por semana, seria lido um capítulo. Deste modo todo o livro seria lido em duas semanas e meia.

#### 4.2.1 Primeira leitura

Assim, antes da leitura efetiva, os alunos realizaram a leitura da capa do livro, identificaram os autores, seus agradecimentos. Deduziram, por meio das imagens presentes na capa, que história seria narrada, qual seria o personagem principal. Assim, no primeiro dia a aula foi dedicada a leitura dos pré textuais do livro, identificar onde começava e terminava cada capítulo, encontrar a página desejada pela numeração, entre outras informações.

E como o livro conta a história do Boto, os alunos foram levados, inicialmente, a narrar quais histórias que envolvem o boto, bem como, outras entidades da natureza. Em seguida, foi pedida uma atividade escrita onde contariam uma história em que um dos personagens fosse uma “visagem”, ou entidades da natureza.

Surgiram estórias como a do aluno A que dizia que:

O papai tinha costume que nos pegava e ia passear lá pra casa do tio Davi, aí nos comessamo a brincar as criançada e construimo uma casinha lá num limoeiro ele era grande aí a gente fez lá pra baixo da sombra, aí quando nós vimos três meninas uma era maior e duas menores, cabelo cumprido, branca ela, só que a minha imã falou assim que elas tinha o pé pra trás, aí a lucia minha prima disse:

\_credo olha aquelas mulher que vão conversando.

E na hora que ela disse “conversando”, ela só puxo nós tudinho e agente saiu correndo não sabia nem o que era. Aí aquelas meninas passou por trás do sanitário, aí nós corremo porque nós nunca tinha visto isso... aí a Izete, minha outra imã era menor,disse:

-olha é a lara, ela é acostumada a passar por aqui.

Todos nós vimos elas de costa as três passarem, nós ainda fomos atrás mas não viramos nada porque a lara não deixa rastro. Aí nós ficamos com muito medo, a Lucia pegou as crianças e levou pra casa, essa história foi verdade da lara porque eu vi.

### O aluno B, escreveu uma história que o avô contava

No tempo que meu avô comessou a namorar, aí teve um arraial que tinha a noite dos jovens né? Lá no rio onde ele morava, Meu avô foi pra lá, era festa da comunidade aí meu avô veio da festa e ficou na casa do Nildo, e foi pra traz da casa fazer xixi. Quando ela tava lá urinando, olhando pra lua, viu aquele preto andando assim na água andando, viu que era uma pessoa e essa pessoa perguntava:

\_quem é tu?

Meu avô virava a cara pro mato, e a pessoa perguntou duas ou três vezes ele perguntou de novo, aí eu meu avô penso só com ele:

\_Na conta das quatro você me dá uma palmada.

Aí meu avô marcou bem o lugar da carrerinha pra onde ele podia correr e de repente tapa na pessoa, aí caiu assim, aí quando ele caiu e levantou aí meu avô saiu correndo, e a pessoa atrás dele dizia

\_espera lá, espera lá, espera lá.

Meu avô se jogou assim metade pra dentro da casa, era paxiuba<sup>6</sup> e ele se jogou, arrancou toda paxiuba e gritava aí o pessoal da casa perguntava:

\_o que é, que é?

ele dizia:

\_Eu não sei, o que é, um negócio veio correndo atrás de mim quer me bater, eu já bati nele agora ela quer me bater.

Nessa hora, ele fiquei com medo os meninos foram deixar ele na casa dele, mas ele diz que via sempre aquela pessoa que procurava ele, aquela pessoa procurava com uma luz na cabeça, meu avô via a pessoa mais a pessoa não via ele, só parou de ver aquela luz quando uma comadre da mãe dele veio benzer<sup>7</sup>.

### O aluno C conta que:

---

*6*angios palmeira de até 20 m (*Socratea exorrhiza*), nativa do Equador, Guianas, Colômbia, Suriname, Venezuela, Bolívia e Brasil (AC, AM, PA, MA, TO, GO, MT), esp. em áreas alagadas, com características raízes-escoras, estipe fino e anelado, folhas pinadas e frutos ovoides, amarelo-avermelhados, consumidos pela avifauna, e cuja madeira é usada pela população ribeirinha para a confecção de bengalas e tabuados, e pelos indígenas para a confecção de arcos, flechas e lanças; castiçal.

*7*litur. cat santificar ou consagrar (coisa ou pessoa) ao culto de Deus.

Eu com minha duas irmã e um irmão sete hora da noite uma vez a gente tava voltando de um culto na casa da tia Rosi, aí quando nós viemos a visagem acompanhou nós, acompanhou jogando pedra no escuro até na beira do igarapé. Aí nós não sabemos o que foi, pensamos que era visagem né? Por que jogava pedra em nós no escuro

Também na casa que nós morava...lá as vez a gente via aquele homem né? De branco, não sabe se era boto, se era outra coisa era uma visagem também...

Essas são algumas das estórias escrita dentre tantas outras que foram contadas o que fez com que tivéssemos um momento muito bom de socialização de histórias e descontração, pois foram muitas risadas dadas por todos ali presentes, ou seja, tratar de um assunto que condiz com a realidade do aluno traz eles a participação das aulas.

Isto ocorre, pois segundo Candido (1972) uma obra literária passa a interessar

Na medida em que nos interessa também como experiência humana, não apenas como produção de obras consideradas projeções, ou melhor, transformações de modelos profundos, a literatura desperta inevitavelmente o interesse pelos elementos contextuais. Tanto quanto a estrutura, eles nos dizem de perto, porque somos levados a eles pela preocupação com a nossa identidade e o nosso destino, sem contar que a inteligência da estrutura depende em grande parte de se saber como o texto se forma a partir do contexto, até constituir uma independência dependente (se for permitido o jogo de palavras). Mesmo que isto nos afaste de uma visão científica, é difícil pôr de lado os problemas individuais e sociais que dão lastro às obras e as amarram ao mundo onde vivemos. (CANDIDO 1972, p.82)

Pelo motivo da obra estar amarrada ao mundo em que os alunos vivem é que estes mostraram interesse em saber a história narrada no livro, muitos propuseram que deixasse a capa e as outras partes de lado e a leitura fosse imediatamente iniciada. Então, foi explicada a importância de saber identificar informações de um livro, e ainda foi enfatizada a importância da leitura para o processo ensino aprendizagem, tal qual para a vida em sociedade.

Foi notório o interesse dos alunos pelo livro, até porque a escola conta com pouquíssimas literaturas e são muito infantis, os alunos da EJA não sentem interesse em realizar a leitura deles. Claro, que no primeiro momento ficaram

assustados ao saber que leriam os 5 capítulos do livro, mas depois que começaram a manusear cada um o seu exemplar, mesmo que preto e branco, ficaram maravilhados com o que as imagens retratavam

Assim, a primeira leitura do livro deixou tanto os alunos entusiasmados para os demais dias de aula, em especial as de língua portuguesa, ansiosos para a leitura do livro. Ao final foram recolhidos os exemplares, pois se levassem poderiam ler, e a estratégia para a leitura seria o suspense para os capítulos que viriam.

#### 4.2.2 segunda leitura: capítulo 1

Na aula de língua portuguesa seguinte, foram distribuídos os exemplares do livro para os alunos, em seguida foi dado comando para que abrissem no primeiro capítulo do livro, lessem o título e analisassem as imagens presentes nas páginas referentes ao capítulo pedido.

Todos encontraram o capítulo, e manusearam o livro conforme as instruções dadas. Em seguida foi dado comando para que fizessem uma primeira leitura do primeiro capítulo, alguns alunos reclamaram por se tratar do maior capítulo do livro, mas foram conduzidos a iniciar, devagar, mas que começassem.

Todos ficaram calmos e concentrados em suas leituras, alguns alunos pediam para que fossem tiradas dúvidas quando ao significado e a pronúncia de algumas palavras e as solicitações foram atendidas.

A dedicação à leitura durou por volta de uns 20 minutos, alguns alunos com menor dificuldade conseguiram ler todo ou quase todo o texto, outros ficaram presos às primeiras páginas, mas tentaram realizar a leitura. Passados os 20 minutos, a leitura foi interrompida quando foi feito pedido para que parassem, todos olharam estranhamente, alguns alegaram ainda não terem terminado, outros disseram que estavam terminando, assim foi pedido para que voltasse a primeira página do capítulo e acompanhassem a leitura que seria feita pela professora.

Assim, a atividade de leitura continuou com a amostra das imagens presentes no livro para que lessem e dissessem o que leram e comparassem com

as imagens que estavam ali presentes. Muitos contribuíram dizendo que a primeira imagem mostra o boto e a namorada numa festa de arraial.

Após as contribuições dos alunos acerca das imagens, a leitura do capítulo foi iniciada de maneira bem enfática, devagar para que pudessem acompanhar em seus livros e para que por meio da leitura pudessem compreender e imaginar as situações ali colocadas no capítulo.

Terminada a leitura, os alunos foram questionados se haviam gostado do capítulo do livro e alguns ficaram pedindo para que a leitura do segundo capítulo fosse logo realizada. Assim, foi explicado que havia o combinado de que a cada aula seria lido um capítulo, e que ainda faltava realizar atividade referente ao primeiro capítulo lido.

Foram realizadas perguntas sobre a leitura, no referido capítulo para ver se os alunos haviam prestado atenção na narração e a maioria dos questionários foram respondidos de maneira correta, o que trouxe satisfação com relação a atenção dada a leitura.

Em seguida, as mesmas perguntas que feitas oralmente foram reproduzidas do quadro branco como exercício para que os alunos respondessem em seus cadernos algumas perguntas sobre o capítulo, até mesmo para que pudessem lembrar posteriormente das informações.

Terminado o exercício, os alunos foram questionados se haviam gostado do primeiro capítulo do livro, foi unânime a resposta que sim. Em seguida os cadernos foram corrigidos e os livros recolhidos novamente para serem utilizados somente na aula seguinte.

#### 4.2.3 Terceira Leitura: Capítulo 2

Para a leitura do segundo capítulo, já em uma nova aula de língua portuguesa, foi pedido aos alunos que formassem duplas e eles dividiriam os capítulos

para que um lesse para o outro o trecho estipulado por eles. Os alunos formaram as duplas e iniciaram a leitura.

A maioria das duplas cuidou em realizar a tarefa, já outras traçaram conversas paralelas o que de certa forma, atrapalhava os que estavam realizando a leitura. Então, tive que interferir e pedir para que todos prestassem atenção na atividade que havia direcionado e todos passaram a ler.

Os alunos ficaram em torno de 15 a 20 minutos dedicados a atividade da leitura, todo esse tempo devido à dificuldade da maioria dos alunos na habilidade da leitura, mas desta vez todos disseram ter concluído a leitura do capítulo inteiro.

Já que todos alegavam ter concluído a leitura e entendido o texto, foram lançadas algumas perguntas oralmente referentes às informações trazidas no capítulo, alguns alunos de fato conseguiram responder mostrando ter lido e entendido direito a história. Mas uma grande maioria respondia as perguntas de maneira aleatória e com informações que não tinham nada a ver com o texto.

Percebendo a dificuldade, foi pedido aos alunos que voltassem para a primeira página do segundo capítulo, pois seria realizada a leitura para que todos acompanhassem em seus livros e pudessem entender a história, afinal se tratava da continuidade do primeiro capítulo que daria seguimento para o terceiro, então não poderia passar despercebido.

Encontrada a primeira página do segundo capítulo, silêncio foi pedido aos alunos que conversavam e a leitura foi iniciada de maneira bem enfática e devagar para que todos pudessem entender. Durante a leitura muitos alunos deixaram de acompanhar no livro e dedicavam sua atenção para a professora e para o que preferiam.

Realizada a leitura de todo o capítulo e os alunos permaneceram atentos, quando foi concluído muitos resmungaram pedindo para que lesse novamente, o que achei muito bom visto que demonstraram interesse e gostaram da leitura do segundo capítulo.

Este capítulo fala sobre uma comida bem típica da população da comunidade que é o peixe frito com açaí, fala também sobre o “retiro”, casa onde é fabricada a farinha de mandioca, também muito presente na alimentação dos alunos.

Então podemos conversar mais ainda sobre esses aspectos, palavras, termos e significados trazidos pelo livro e a cada vez que lia algo que conhecia percebia que muitos riam e em alguns momentos até comentavam um com os colegas sobre um tópico ou outro.

Significando assim, que estavam atentos o que permitiu uma conversa muito boa sobre o segundo capítulo. Em seguida um pequeno questionário foi aplicado para que os alunos copiassem em seus cadernos a fim de fixar as informações referentes ao que havíamos lido.

Para a correção do exercício, voluntários que vieram a frente escrever no quadro as respostas. Como eram respostas fáceis a maioria queria vir e escrever suas respostas, o que também trouxe satisfação por notar que foi um texto compreendido e que resultou em participação nas discussões e nos outros segmentos da aula.

#### 4.2.4 Quarta Leitura: Capítulo 3

Para realizar a leitura do terceiro capítulo, aos alunos juntaram-se em grupos de quatro pessoas os alunos foram enumerados em um, dois, três e quatro, para que cada aluno ficasse com uma quantidade de parágrafos previamente divididos de modo que ficassem em uma quantidade quase igual para cada integrante do grupo. Assim foi designado em cada grupo quem leria por primeiro, por segundo, por terceiro e por quarto.

Foi gasto um tempo significativo para organizar a leitura, mas foi possível fazer com que entendessem qual seria a dinâmica da leitura neste dia. Depois de organizado foi pedido para que fizessem silêncio e atenção e assim iniciaram.No

decorrer da leitura em grupo, houve durante várias vezes dispersão de alguns alunos de grupos diferente. Percebi que como vinha sendo realizada a leitura da primeira e da segunda seção estavam esperando pela leitura que acreditavam que seria feita pela professora novamente, deste modo não estavam fazendo questão de ler.

Sendo assim, pedi atenção para a atividade e após 10 a 15 minutos designados a leitura foram avisados de que hoje seria realizada a leitura pela professora e que assim que concluíssem a atividade em grupo um exercício seria feito sobre o seção que estavam lendo.

Muitos alunos reclamaram, principalmente por não entender muito bem o que o colega de classe lia, devido muitos lerem de maneira muito silabada, ou por vergonha liam com um tom de voz baixo entre outras problemáticas apresentadas. Tiveram que haver mais intervenções do que nas aulas anteriores, mas foi possível que todos lessem.

O exercício foi passado no quadro, mas quando terminaram de copiar foi perceptível que muitos de fato não tinham compreendido muito bem o texto. Então a professora teve que realizar a leitura para que os alunos acompanhassem em seus livros.

O capítulo foi lido, e ao final alguns alunos começaram a dizer que agora sim haviam entendido o texto. Assim, resolveram o exercício, corrigi os cadernos e retomei a conversa acerca do texto onde pudemos falar novamente sobre as “visagens”<sup>8</sup>, surgiram histórias engraçadas.

Bem como, pudemos falar sobre o cuidado com o meio ambiente, já que neste capítulo o menino Filico é designado a sua missão. Acerca do meio ambiente foi dado aos alunos a tarefa de escrever um pequeno texto sobre os cuidados que devemos ter com este meio. Claro que antes da produção textual, houve uma longa conversa sobre os problemas ambientais da comunidade, bem com, foram propostas soluções.

---

<sup>8</sup>Assombração; alma penada.

E ao se tratar de uma turma onde a maioria é adultos e moradores antigos da comunidade, foi possível fazer um comparativo da paisagem do passado com a paisagem do presente, as mudanças o que houve de melhoras e piores.

A conversa foi muito produtiva, o que fez com que surgisse a proposta dos alunos, na aula seguinte, pudessem trazer fotos que pudessem retratar como era a comunidade no passado para que os mais jovens pudessem fazer esse comparativo.

Os alunos gostaram da proposta de atividade e ficaram durante a produção textual comentando sobre o assunto. Ao final da aula foi realizada a correção das atividades escritas e o recolhimento dos livros para que fossem utilizados na próxima aula.

#### 4.2.5 Quinta Leitura: Capítulo 4

Para o quarto capítulo, a leitura foi logo realizada com os alunos acompanhando em seus livros, os quais ficaram atentos a cada detalhe, pois a atividade seguinte seria uma disputa entre grupos. Após realizar a leitura a turma foi dividida em grupos de 3 pessoas.

Depois de divididos, os alunos foram instruídos a elaborar o exercício sobre o capítulo para que os colegas das outras equipes respondesse. De início se mostraram hesitantes, outros disseram que não sabiam fazer um exercício. Então foram dados exemplo dos exercícios anteriores e a maioria concordou em fazer.

Feitas as perguntas, iniciou-se o jogo de perguntas e respostas o grupo que respondesse o maior número de perguntas ganharia bombom. Foi muito divertido, e surgiram bons questionamentos todos relacionados ao capítulo quatro.

Muitos tiveram que ler novamente o capítulo para formular as perguntas, outros que tinham prestado bastante atenção na leitura realizaram a tarefa mais rápida. Durante o jogo, algumas perguntas foram selecionadas para serem utilizadas

em um exercício que copiei no quadro ao final da aula, os autores das perguntas selecionadas gostaram de ver o seu questionamento escrito selecionado.

Mas antes do exercício do quadro, foi feita a conversa sobre as informações do capítulo do livro, os alunos gostaram novamente do trecho da história trazida no capítulo, o que trouxe satisfação pois pareciam ter perdido o interesse em ler o livro.

Realizadas as atividades, perceberam que na aula seguinte a leitura do livro seria concluída, uns lamentaram, pois gostavam, não de ler, mas de ouvir a história sendo contado, momento em que eu percebia de fato maior atenção dos alunos.

#### 4.2.6 Sexta Leitura: Capítulo 5

O quinto capítulo do livro, por ser bem pequeno, foi pedido aos alunos que lessem cada um em seu livro. E todos fizeram a leitura, em seguida a leitura foi realizada também pela professora, mas houveram paradas para explicar alguns pontos que os alunos não conheciam.

A exemplo, era o que era a Universidade Federal do Pará, a *samaumeira*<sup>9</sup> que fica na Praça de Nazaré em Belém e outros. Assim, apesar do capítulo ser pequeno demandou tempo para ir tentando descrever como eram os lugares retratados no texto.

A participação dos alunos, assim como nos demais capítulos, foi significativa e de grande valia. Foi proposto a eles que no futuro realizassem do livro uma peça de teatro para apresentar em alguma programação cultural da escola.

Enfim, percebi durante a leitura do livro que apesar das dificuldades dos alunos, foram satisfatórias as atividades propostas, não somente para mim, mas para os alunos em sua maioria, pois como foi possível notar através dos relatos que

---

<sup>9</sup>A *samaumeira* é tipicamente amazônica, conhecida como a “árvore da vida” ou “escada do céu”

a maioria, se não todos, realizaram da leitura e participação nos momentos de contar relatos e vivências foi enriquecedor.

## SEÇÃO V

### REFLEXÃO SOBRE AS ESTRÁTEGIAS E ANALOGIAS DE LEITURA DOS ALUNOS

Como dito anteriormente, a leitura do livro “As aventuras do menino boto: o Herói da Amazônia” trouxe grande satisfação para alunos e professora, porém, se o livro tratasse de outro assunto que não fosse a fantasia, a narrativa de um ser sobrenatural tão conhecido pelos populares da Amazônia, geraria o mesmo interesse ou resultado?

Bem, não há uma resposta exata acerca do questionamento, pois estamos lidando com diferentes pessoas, diferentes gostos de leitura, ou até mesmo pessoas que ainda não tiveram esse prazer aguçado. Mas a luz de Antonio Candido pode-se dizer que a leitura seja ela de uma obra literária, de um jornal, de um bilhete por mais simples que seja só chamará a atenção se o assunto for do interesse do leitor.

Ou ainda, se o conteúdo carregado pelo veículo de comunicação, neste caso o livro, tenha algo condizente com a realidade do leitor, com o mundo em que vive, com suas vivências pessoais e coletivas. Visto isso, Candido (1972) diz que a literatura possui uma função psicológica e que

A produção e fruição desta se baseiam numa espécie de necessidade universal de ficção e de fantasia, que de certo é coextensiva ao homem, pois aparece invariavelmente em sua vida, como indivíduo e como grupo, ao lado da satisfação das necessidades mais elementares. E isto ocorre no primitivo e no civilizado, na criança e no adulto, no instruído e no analfabeto. (CANDIDO 1972, p. 83)

Esta necessidade de fantasia, de ficção pode justificar o porquê de os alunos manterem-se interessados na leitura do livro proposto pela professora, além disso, pode-se dizer ainda baseado no mesmo autor que esta sede por fantasia e toda a imaginação aguçada por meio da literatura tem a ver com a realidade concreta do mundo dos alunos.

Ao folhear um livro e manter contato com as primeiras palavras de uma obra, o leitor sente a necessidade de encontrar pontos que se referem a sua realidade sejam estes fictícios ou reais. Havendo esta ligação há uma maior possibilidade de interesse na leitura e esta obra pode de maneira consciente ou até mesmo inconsciente influenciar na personalidade de quem a lê.

Frente a isso, vemos que a primeira estratégia utilizada pela professora para que os alunos pudessem se interessar pela leitura foi o fato de ela trazer uma obra que fala sobre um ser inanimado muito conhecido na região amazônica. E os alunos, também utilizaram enquanto estratégia o mesmo conhecimento, afinal se tratava de um ser em que sempre ouviam seus avós, pais contarem histórias acerca.

Tanto que na primeira atividade de leitura da capa do livro não tiveram dificuldade em identificar de quem seria a história por meio das imagens e do nome ali gravado “As aventuras do menino boto...”. Além disso, o conhecimento acerca do boto e suas artimanhas foi narrado por alguns alunos ainda no primeiro dia de atividade de forma oral e escrita onde alguns escreveram que:

Minha tia conta que quando ela teve o primeiro filho dela o boto vinha dormir com ela, ele deitava com ela de short branco como si fosse marido dela. Ela disse que via ele levantando e tirando a criança dos braços dela e lá ele dormia. Ele perturbou tanto que ela ficou foidoente por que num deixava ela dormir a noite inteira, aí fecharão tudo a casa, cercarão tudinho pra ele num entrar, mas ela diz que ele se transforma numa fulha e passava por debaixo da porta e dormia com ela do mesmo jeito aí fui obrigado a me passar ela pra casa do pai dela pra ver se ele parava de pesseguir. (ALUNO D)

Esta é uma das histórias produzida pelos alunos em sala de aula. E serve para dar exemplo do quanto o livro trouxe à tona outras narrativas que envolveram matinta - pereira, lobisomem e outros seres que segundo os alunos assombravam a população.

Muitos ainda narraram oralmente suas histórias e lembravam que na infância costumavam sentar nos quintais dos vizinhos ou algum outro local para que cada um contasse uma história de visagem, assombração ou seres da floresta e que era época em que as pessoas conversavam mais umas com as outras.

Pode-se notar que antes mesmo da leitura em si do livro muitos outros pontos puderam ser trazidos a discussão, como a modernização, a globalização, o uso dos meios de comunicação, a internet, a TV a cabo e tantos outros que fazem com que as pessoas perdessem o costume de sentar para conversar e contar causos. E que alguns alunos lembram-se de forma saudosa desse período em que se viam e falavam mais.

E tais pontos fizeram notar que a leitura seria aceita pelos alunos por tratar de assuntos que o fariam buscarem memórias recentes e distantes para que a leitura fosse realizada com êxito. E de fato a maior estratégia utilizada pelos alunos foi a memória, muitos quando falou-se em “casa de farinha”, peixe frito com açaí riam ou comentavam algo a respeito. No que diz respeito a memória Delgado (2006) diz que:

A memória contém incomensuráveis potencialidades, destacando-se o fato de trazer consigo a forte marca dos elementos e mitos fundadores, além dos elos que formam as identidades e as relações de poder. São as recordações- em suas dimensões mais profundas- que conformam as heranças e acumulam tradições, experiências e detritos. (DELGADO 2006, p. 39)

Sendo assim, pode-se afirmar que é por meio da memória que a identidade cultural se mantém, ou seja, muito do que existem hoje enquanto arcabouço cultural como músicas, poemas e tantos outros meios de retratar a identidade foram passados de geração a geração e se tornou tradição.

E no Brasil, a maioria dos dados culturais foram construídos desta maneira, a exemplo são as lendas da matinta - pereira, da iara, do lobisomem, do boto, do saci e tantas outras histórias que faziam parte da tradição familiar em reunir todos para narrar fatos ligados a esses seres imaginários.

E muitas destas lendas foram retratadas em livros e hoje fazem parte do folclore brasileiro, porém, com essa propagação de saberes muitos dos contos que ainda são contados pelos mais velhos passaram a ser desvalorizados pelos mais novos devido à desmistificação dos fatos.

Os avanços tecnológicos, os novos paradigmas criados pela sociedade, as novas utilizações da linguagem e tantos outros aspectos são desfavoráveis para que muito de nossos idosos permaneçam rememorando fatos de extrema importância para a construção de nossa identidade cultural, e isto faz com que, de certa forma, haja uma ruptura, do presente com o passado, contribuindo para o esfacelamento da memória cultural.

E junto com este esfacelamento há quebra de tradições, há o desligamento do indivíduo com suas raízes, há uma fuga da realidade vivida e uma transportação para um mundo todo feito por meio de tecnologias, onde as narrativas orais muito utilizadas por idosos passem a ser visual por meio de celulares, tablets e computadores.

Sendo assim, vale ressaltar a importância da preservação da memória de uma sociedade, onde preservá-la não significa viver no passado e impedir o seu desenvolvimento, mas sim conservar seus pilares constituintes a fim de não perder conhecimentos e identidades.

E a literatura é uma arma em favor da construção, perpetuação e conservação de memórias e de tantas outras formas de conhecimento

Por isso é que nas nossas sociedades a literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo. Os valores que a sociedade preconiza, ou os considera prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas. (CANDIDO 2011, p. 175)

Sendo assim, pode-se dizer que não há meio mais eficiente para a prática da leitura do que a própria prática de leitura, não adianta falar em um livro sem mostra-lo ao aluno, sem permitir que o aluno o manuseie, folheie, leia, entenda,

interprete, se encontre por entre as páginas ou encontre um ser novo. Pois de acordo com o mesmo autor “não há povo e não há homem que possa viver sem ela”, a literatura.

Infelizmente encontramos muitas escolas sem bibliotecas, ou que simplesmente atendam apenas a educação infantil e deixem a Educação de Jovens e Adultos a mercê, como é o caso da escola Maximiano onde a aula foi aplicada, as obras literárias encontradas são muito infantis o que não estimula que os jovens e adultos as leiam.

Além disso, um fator evidente é a falta de interesse em buscar trazer os conhecimentos prévios dos alunos para as aulas, como se pode notar nas atividades e discussões acerca de trechos do livro, há alunos que carregam consigo uma gama de memórias, de conhecimento que na maioria das vezes não é explorado. Como afirma Barbosa (1994)

Como algum já disse, é muito estranho que a Escola, o ensino pense o aluno como uma página em branco e não faça nada para aproveitar a alfabetização cultural que ele traz, só porque esta é diferente- não é uma alfabetização de letrinhas, mas uma alfabetização cultural, oferecida, por exemplo, pela televisão. Quer dizer, o leitor, de certa maneira, também está condenado a cultura e, portanto, lê nos textos do passado elementos que a sua experiência cultural foi capaz de lhe oferecer. (BARBOSA 1994, p. 26)

E a literatura, a leitura podem auxiliar neste processo de socialização de conhecimentos, mas sozinho, sem orientação, sem estímulo fica bem difícil um aluno da educação de jovens e adultos, que muitas das vezes passa o dia trabalhando, buscar um livro por conta própria para leitura, porém com o estímulo além de ler pode realizar discussões, colocar ideias em prática quem saber até mudar a sua realidade e as dos que o cercam.

Silva (1999) diz, sobre esse assunto que:

Atualmente, com a exploração das informações e da mídia, a leitura da linguagem verbal é uma competência de fundamental importância para a sobrevivência do cidadão. E a escola é o principal reduto onde as novas gerações podem conseguir o devido preparo para a compreensão dos vários tipos de organização textual. Que compõem o mundo da escrita.

Além disso, diante das velozes transformações do cotidiano (hoje mundializado), os professores tem que superar o papel de repassador ou

transmissor de informações para, através da pesquisa e do estudo constante, coloca-se em outro patamar de condutas pedagógicas. (SILVA 1999, p. 18)

Assim, ao invés dos professores ainda ficarem trazendo textos descontextualizados para as salas de aula, busquem meios de trazer obras literárias que dizem respeito com a realidade dos alunos como foi o caso do livro “As aventuras do menino boto: o herói da Amazônia”.

Esta ideia foi passada para a professora da turma que em conversa informal disse já estar em busca de novas literaturas para serem lidas com os alunos visto que gostaram muito do modo que o livro foi lido por todos, muitos nem acreditaram ter lido um livro completo sem mesmo perceber.

Houve também o relato de alunos que não gostavam de livros com muitas páginas terem juntamente com a turma realizado a leitura do livro supracitado. Deste modo, volto a frisar que as atividades de leitura trouxeram resultados satisfatórios, devido as discussões levantadas, os momentos de descontração e interação entre a turma, afinal, como afirma Soares (1991)

Não. Leitura não é esse um ato solitário; interação verbal, entre os indivíduos, e indivíduos socialmente determinados; o leitor, seu universo, seu lugar na estrutura social, suas relações com o mundo e com os outros; o autor, seu universo, seu lugar na estrutura com o mundo e os outros; entre os dois; enunciação; dialogo? (SOARES 1991, p. 18)

E a interação da leitura do livro “As aventuras do menino Boto: o Herói da Amazônia” perpassou a simples interação entre leitor e autor, afinal as temáticas propostas pelo livro permitiu que todos pudessem dar sua contribuição nas historias a serem contadas, escritas, as atividades propostas e em especial a participação oral de maneira voluntaria.

Claro que muito poderia ainda ser trabalhado como a questão do conteúdo programático que poderia ser trabalhado algum assunto dentro dos textos do livro, as correções gramaticais nas narrativas escritas pelos alunos e tantas

outras atividades que designariam muito mais tempo e dedicação e que com certeza traria resultados positivos no que concerne aprendizado aos alunos.

## Referencias

BRASIL. **Leide Diretrizes e Base da Educação.** 1996.

BRASIL. **Plano Nacional de Educação.** 2014

BARBOSA, João Alexandre. **Literatura nunca é apenas Literatura.** In: linguagem e linguagens (Série ideias, nº 17). São Paulo: FTD, 1994.

BESERRA, Valesca. **Trajetória da educação de jovens e adultos: histórico no brasil, perspectivas atuais e conscientização na alfabetização de adultos.** Cairu em Revista. 2014

CANDIDO, Antônio. **A literatura e a formação do homem. Ciência e Cultura.** São Paulo, v. 24, n. 9, p. 803-809, 1972

CANDIDO, Antonio. **Vários Escritos: O direito a literatura.** Ouro sobre azul. 5ª edição, Rio de Janeiro, 2011.

CORDEIRO, Goergina Negrão Kalife. Educação de jovens e adultos e formação de educadores: desafios para a consolidação da Amazônia paraense. Revista teias. Ed.: especial. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br>. 2016

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História oral: memória, tempo, identidade.** Belo Horizonte: Authentica, 2006.

HAGE, S. M. **Educação na Amazônia: Identificando singularidades e suas implicações para a construção de propostas e políticas educativas e curriculares.** In:\_. (org) Educação do campo na Amazônia: retratos de realidade das escolas multisseriadas no Pará. Belém: Gráfica e Editora Gutemberg Ltda, 2005. p. 61-68.

OSAKABE, H. (1982) **“Considerações em torno do acesso ao mundo da escrita”** in. ZILBERMAN, Regina (org.) A leitura em crise na escola. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1982.

SAMPAIO, Mariza Narcizo. **Educação de jovens e adultos: uma história de complexidades e tensões. Dossiê temático: educação de pessoas jovens, adultas e idosas.** Vitória da Conquista, 2009.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Concepções de Leitura e suas conseqüências no ensino.** Perspectiva, Florianópolis, v.17, n 13, p.11-19 jan/jun. 1999

SILVA, Jeanne Araújo e. educação de jovens e adultos mediada por tecnologia: uma prática inovadora no Estado do Amazonas. Disponível em:(2015)

SOARES, Magda Becker de. **As Condições Sociais da Leitura.**In: ZILBERMAN, Regina & SILVA, Ezequiel Theo. (orgs). 1991. **Leitura – Perspectiva Interdisciplinares.** Ática Editora (p.18 a 29).

STRELHOW, ThyelesBorcarte. **Breve história sobre a educação de jovens e adultos no Brasil.** Revista histerDBR on-line, Campinas n. 38,2010.